

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

NECRÓPOLE PRÉ-HISTÓRICA DA ATALAIA

ALDEIA DOS PALHEIROS — OURIQUE

O achado da necrópole de que vamos aqui tratar ocorreu no decurso das investigações efectuadas nos arredores do castro de Nossa Senhora da Cola, estação arqueológica muito importante cuja exploração, graças ao subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian e ao patrocínio do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, nos está confiada desde 1958.

A estação situa-se na herdade da Atalaia, dois quilómetros, em linha recta, a norte do castro, estendendo-se para poente, desde a margem da ribeira dos Carriços até, pelo menos, o ponto culminante da herdade, junto ao «monte», o qual cimo, apesar de ser a Atalaia propriamente dita, não tem pirâmide geodésica de qualquer classe.

O fundo Barranco dos Carriços vai desaguar no do Marchicão, tributário da Ribeira de Odemira (Rio Mira), dando-se a junção uns 1.650 metros a sul do referido «monte» e 160 a NNW do castro de Nossa Senhora da Cola.

Geologicamente, a região acha-se no Carbónico inferior (Culm), de xistos e grauvaques. Os filões quartzíticos são raros e delgados. Não assim as massas de grauvaque, as quais, além de numerosas, são quase sempre muito possantes.

Do ponto de vista arqueológico, esta área baixo alentejana, que se enquadra na da antiga comarca do Campo de Ourique, hoje correspondente aos concelhos de Castro Verde, Almodovar, Ourique e parte do de Aljustrel, conta, além do castro de Nossa Senhora da Cola, de

que se ocuparam André de Resende (1), D. Frei Manuel do Cenáculo (2) e José Leite de Vasconcelos (3):

- a)** Uma série de castros (povoações e outros pontos fortificados) mais ou menos ao longo das ribeiras de Grandãos, Cobres e Odemira (4);
- b)** Sepulturas (cistas de tipo argárico) de Panoias(5);
- c)** Tanques de salga, de Panoias(6);
- d)** Monumentos dolménicos de Serro das Antas, Brejo, Rosmoineira, Quinta Nova, Montenegro, Labórela, Pedra de Anta, Monte Velho, Serro do Gatão, Serro das Pias, etc. (7);
- e)** Estação romana de Garvão (8);
- f)** Espetos de bronze (9);
- g)** Lápides com caracteres ibéricos (10);
- h)** Capacete de prata, de tipo céltico (11);

(1) *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora, 1593.

(2) *Cuidados Literarios do Prelado de Beja em graça do seu bispado*, Lisboa, 1791; *Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual, conforme aos desenhos das suas idades*, Lisboa, 1813.

(3) *De terra em terra*, Vol. II, Lisboa, 1927; *O Archeologo Português*, vol. XXIX, Lisboa, 1933. De nossa autoria há um artigo: «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo», in *Arquivo de Beja*, Vol. XV, Beja, 1958.

(4) Forte do Coito, Forte das Juntas, Forte Grande, Forte da Amendoeira, Forte da Ribeira, Cabeças de Rei, São Pedro das Cabeças, Nossa Senhora da Cola, Mesas dos Castelinhos, etc.

(5) J. L. de V., «Estudos sobre a época do bronze em Portugal — Cemitério de Panoias de Ourique» in *O Arch. Port.*, XIII, 302. Lisboa, 1908.

(6) J. L. de V., «Antigualhas», in *O Arch. Port.*, Vol. XIII, pg. 352.

(7) ABEL VIANA, OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA e RUY FREIRE DE ANDRADE, «Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXXVIII, Lisboa, 1957. No momento, acham-se em vias de publicação outros estudos, dos mesmos autores, sobre o mesmo assunto.

(8) J. L. de V., «Antigualhas», in *O Arch. Port.*, XIII, 351.

(9) ESTÁCIO DA VEIGA, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, IV, 196-200, Lisboa, 1891. ABEL VIANA, «Notas hist., arq. e etn.», in *Arq. de Beja*, XV, 1958, pgs. 42-45.

(10) Id. idem ESTÁCIO DA VEIGA, págs. 275-337.

(11) ABEL VIANA, «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas», in *Arq. de Beja*, Vol. XV, págs. 20-21.

- i) Espada de bronze (12).
- l) Lajes sepulcrais com armas insculturadas (13).

E, por agora, não nos lembra notícia de outros achados.

Quando explorávamos o monumento dolménico do Barranco da Nora Velha (14), colhemos, de trabalhadores ali empregados, a informação de que em outros sítios em redor da Senhora da Cola havia mais «pedras empinadas» como as do monumento que estávamos explorando.

Seguindo na esteira das designações toponímicas e de tais esclarecimentos, empreendemos metucioso reconhecimento do terreno em torno do santuário, principalmente nas Antas de Baixo e na Atalaia, sítios diametralmente opostos, do ponto de vista corográfico.

Ali nada mais vimos que restos de dois grandes dólmenes totalmente destruídos pelos buscadores de tesouros, tenacíssimos maníacos em sonho permanente e em constante actividade aniquiladora, muito abundantes na região! Na Atalaia deparou-se-nos uma necrópole, ao parecer muito mais vasta que a porção agora por nós escavada. Eis sua descrição:

O terreno é levemente ondulado, embora, no conjunto, o desnivelamento entre o cerro da Atalaia e o fundo do barranco seja considerável. É uma sucessão de pequenos outeiros com encostas suaves, aqui e além salpicadas de estevas, onde os afloramentos rochosos e a acumulação de pedras soltas, impedindo o arroteamento, enseja a formação de pequenas moitas — «garrinhas de mato», segundo o linguajar dos locais.

(12) Id. idem., in *Arq. de Beja*, XIII, 1956, págs. 148-149.

(13) JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, «Estudos sobre a época do bronze em Portugal» in *O Arch. Port.*, Vols. XI (1906) e XIII (1908), págs. 179-189 e 300-313, respectivamente. ABEL VIANA e FERNANDO NUNES RIBEIRO, «Necrópoles argáricas de Santa Vitória» in *Arq. de Beja*, XIII, págs. 153-167.

(14) Temos em preparação o relato da exploração deste importante monumento situado junto do castro de N.^a S.^a da Cola, trabalho por nós efectuado durante a mesma campanha de 1959, no referido castro e na necrópole pré-histórica da Atalaia.

MONUMENTOS

É de preferência nestes lugares que facilmente se reconhecem umas pedras enterradas a prumo, assim como outras visivelmente alinhadas, todas elas não muito grandes. Umas revelam, com maior ou menor clareza, certo número de cistas, assim como delineiam traçados circulares que umas vezes se tangenciam outras se interceptam.

Quanto às cistas, mostramos na Fig. 4 a planta da meia dúzia que isoladamente escavamos e das quais, neste brevíssimo relato, apenas temos a dizer que nenhuma delas era totalmente formada por lajes; se é possível terem sido retiradas uma ou mais lajes das paredes de algumas, o que mais se afigura é a parede da sepultura ser formada pelo simples corte na rocha nativa.

Nas letras *e*, *g*, *i*, *j*, se mostram quatro covas abertas nos monumentos 2 e 8, uma delas com parte das paredes revestidas de pedras e as restantes abertas na rocha viva.

Elas, são, portanto, pequenas e de construção bastante imperfeita, sucedendo, até, apresentarem dois ou mais lados constituídos pelo simples corte na rocha.

Quase todas elas deram fragmentos de cerâmica lisa, e na que na Fig. 4 vai assinalada com a letra *a* encontramos o pequeno punhal ou ponta de lança, de cobre (ou bronze?) que mostramos na Fig. 7.

As interiormente revestidas de lajes, nos lados e às vezes também no fundo, são-no quase sempre por mais de uma laje em cada lado, muito desiguais no tamanho e desprovidas de qualquer afeiçoamento.

A maneira por que estas cistas se agrupam (n.ºs 4, 5 e 6) faz-nos crer na sua provável integração em monumentos da mesma espécie daqueles que passamos a descrever:

Monumento n.º 2 — (Fig. 1). Salienta-se aí um dispositivo de círculos dois dos quais se cortam, ligando-se a um terceiro duas filas de pedras, à semelhança do corredor de pequeno dólmen. Estas pedras que na planta figuramos a negro cheio, estão assentes de chapa sobre uma de suas faces mais largas. São de grauvaque e não mostram o mais leve sinal de corte, afeiçoamento ou regularização. Nem mesmo quando as pedras são encurvadas ao jeito do círculo de que fazem parte se registam nelas qualquer vestígio de trabalho humano.

Tanto dentro desses círculos como fora há numerosas covas abertas na rocha, como simples fossas de tamanho e feitio variáveis.

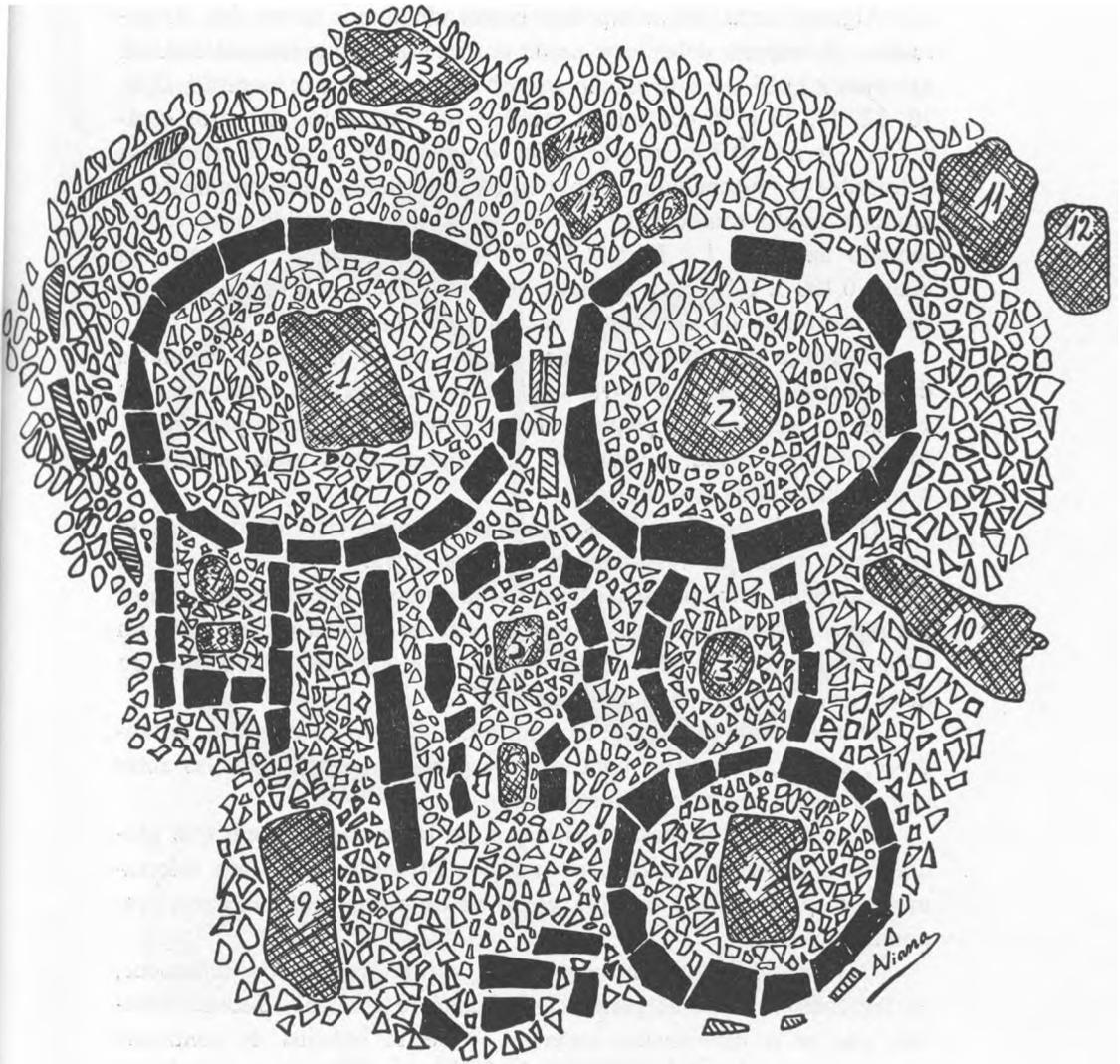


FIG. 1 — Planta do monumento n.º 2.

Obs. — Nas Figs. 1 e 3: as pedras marcadas a negro cheio estão assentes no solo sobre a face mais larga; em tracejado diagonal se indicam as lajes cravadas ao alto, quase sempre sobre o lado mais comprido; as manchas numeradas e preenchidas com linhas entrecruzadas representam lajes que tapam covachos funerários; o resto são pequenas pedras formando calçada.

Algumas achavam-se tapadas, parecendo nunca terem sido devassadas. A respeito delas cabe desde já dizer que no monumento n.º 2, as covas n.ºs 14, 15 e 16 já não conservavam a tampa, e as n.ºs 1, 7, 8, 10, 12, 14, 15 e 16 continham vasilhas ou fragmentos de vasos cerâmicos. A n.º 10 forneceu cerâmica ornada com faixas de triângulos delineados e preenchidos por pontos executados grosseiramente a ponteiro muito rombo (Fig. 5). A n.º 4 tinha o grande vaso representado nas Ests. I e II, n.ºs 1 e 5. (Altura: 0,142 m.; diâmetro na boca: 0,100 X 0,105 m.; diâmetro máximo: 0,170 X 0,185 m., visto o corte transversal da vasilha ser ligeiramente elíptico).

O espaço compreendido entre muros, ou alinhamentos circulares de pequenas pedras, e as covas ou fossas está calcetado com pequenas pedras, ou melhor, com pequenas lascas colocadas de ponta para baixo, formando um como pavimento. Em alguns sítios estas pedras são mais miúdas que em outros.

Dentro de um dos círculos há uma pequena cista de que restam as quatro lajes que revestem os lados da cova.

Também estas pequenas lajes, assim como as que cobriam a maior parte dos covachos, são de grauvaque, cor de ardósia escura, e foram todas colhidas no fundo do barranco — são «pedras de ribeira», no dizer dos homens daqueles lugares.

O *monumento n.º 8* (Fig. 3) é em tudo idêntico ao primeiro, notando-se, apenas, apresentar uma série de pequenas cistas paralelas entre si e contíguas segundo o comprimento.

De resto, há os mesmos circuitos de pequenas lajes em que predomina a forma prismática, os mesmos covachos, o mesmo calcetamento de pedra miúda, em que, como no do monumento anterior, prepondera o xisto.

Os achados aqui limitaram-se a vários fragmentos cerâmicos, pertencentes a vasos de paredes relativamente grossas. Sucede, todavia, que se o monumento anterior apresenta indícios de continuar para qualquer dos lados, aqui, tais indícios, evidentiíssimos, indicam estender-se tanto em torno da porção escavada que pode mesmo admitir-se que o monumento a seguir descrito, e que dele dista 30 metros, pertença ao mesmo conjunto.

Monumento n.º 7. Aqui se escavou unicamente a parte central do amontoado de pedras que se nos afigurou provir do desmantelamento de uma grande mamoa.

E foi por aqui o início das nossas escavações neste local. Aqui, porém, há dois grandes circuitos (Fig. 2) tanto ou quanto elipsoidais, separados por uma lousa com 2,76 m de comprimento, 0,60 m de lar-

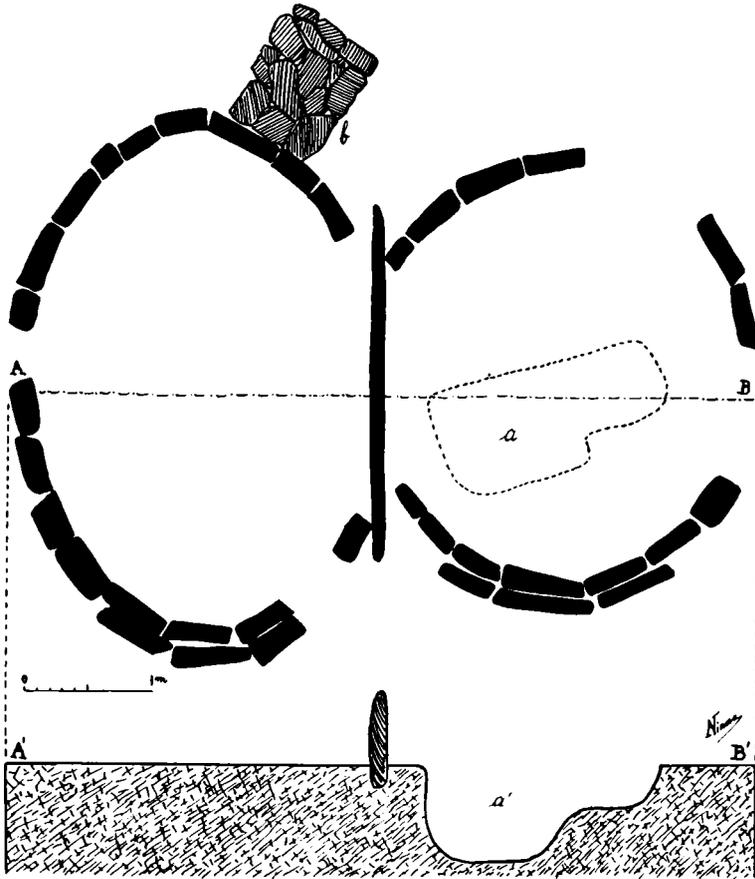


FIG. 2 — Planta do monumento n.º 7.

gura e 0,07 m de espessura, dimensões máximas actuais, porque a comprida pedra está com mutilações no bordo superior e nas pontas. De notar a relativa delgadez da laje.

Conforme se pode observar na planta, o monumento, em sua porção desenterrada, lembra duas câmaras sepulcrais de tipo almeriense,

separadas por uma «trave» isto é, por uma tampa vertical, constituída por uma só laje posta ao comprido, de cutelo.

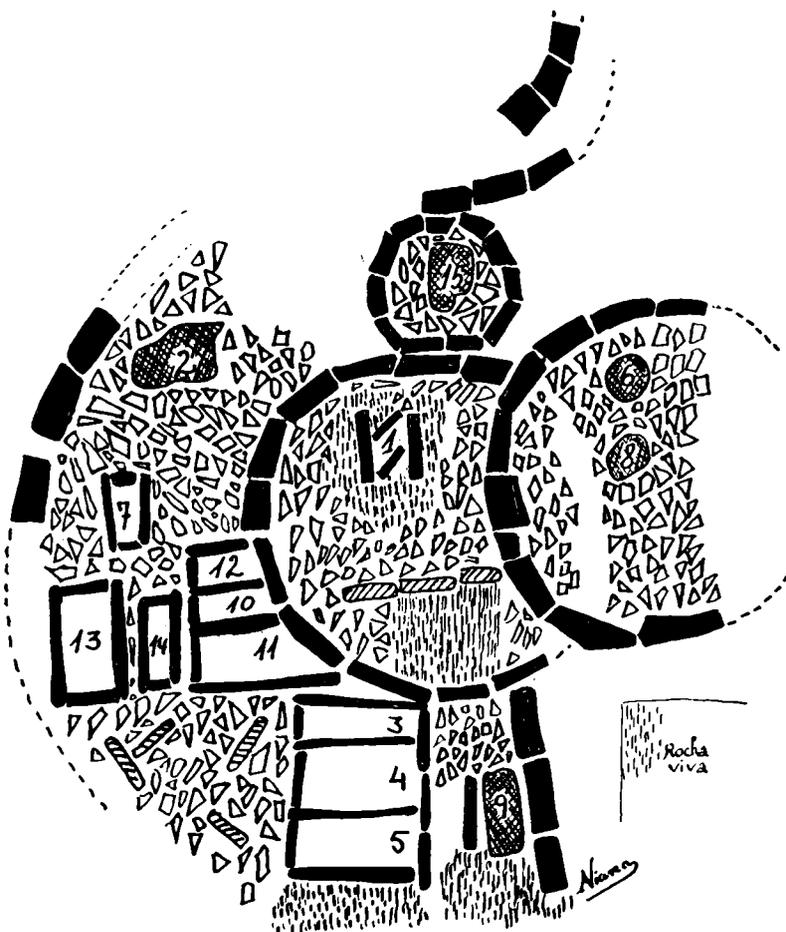


FIG. 3 — Planta do monumento n.º 8.

As paredes circulares eram feitas de pequenas lajes, como de alvenaria a seco, ou ligadas com terra amassada. De passo se diga que esta terra, tal como toda a que se vê dentro de cada um destes monumentos — e o mesmo se dirá a respeito dos monumentos dolmênicos

da região — parece trazida de outros locais, a menos que seja produto da lenta deposição de fina areia argilosa proveniente do próprio terreno — problema que ainda não vimos convenientemente estudado e aclarado.

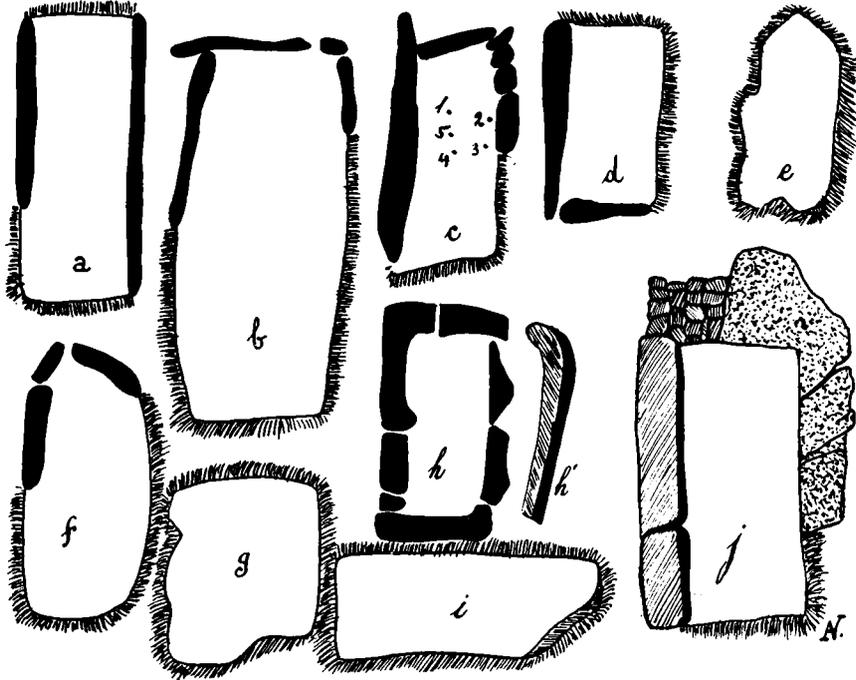


FIG. 4 — Planta das cistas n.ºs 1, 4, 5, 6, e 9 e de alguns covachos do monumento n.º 2.

Dentro de um dos círculos está uma fossa cujo feitio assinalamos na planta junta (Fig. 2, letra *a*). Não tinha lajes nas paredes nem no fundo; apenas uma, bastante grande, com 1,44 m de comprimento, 0,76 m de largo e 0,16 m de espessura, medidas máximas, lhe servia de tampa.

Contíguo ao outro círculo estava a pequena calçada, ou lajeado, indicado na Fig. 2, letra *b*.

Ao fundo da referida fossa, rente a um dos lados, achou-se a pequenina urna carenada cujo desenho damos na Fig. 6.

Repetimos: Tal como os dois anteriores, este terceiro monumento prolonga-se muito em roda, não nos parecendo impossível que, escavando convenientemente, se apure formar com o n.º 2 um só conjunto arquitectónico-tumular.

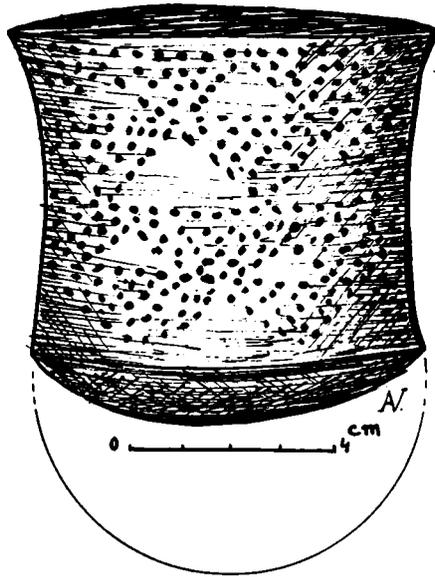


FIG. 5 — Vaso cerâmico da cova n.º 4 do Monumento n.º 2.

ESPÓLIO E CRONOLOGIA

Ainda que parcialmente escavados os monumentos, o espólio resultante pode considerar-se muito escasso. Ele, é, contudo, de sumo interesse e importancia.

Das vasilhas completas, ou quase, embora fragmentadas, e dos fragmentos de vasilhas que permitem ajuizar da forma dos exemplares a que pertenceram, se apura a presença de quatro vasilhas de fundo esferoidal e de aresta equatorial, ou carena. Mas os fragmentos recolhidos dispersamente revelam a existência de vasilhas com formato diferente, muito maiores, com paredes muito mais grossas e de pasta mais grosseira.

Alguns, de espessura mais reduzida e parece que pertencentes a recipientes menos volumosos que os da segunda espécie, são decorados conforme deixamos dito em sua descrição.

A pequena lâmina de punhal, ou pequena lança, foi o único objecto metálico cuja recolha logramos realizar. Apesar de na mesma cista não termos achado cerâmica, entendemos que a lâmina é contemporânea do material cerâmico recolhido nos outros monumentos.

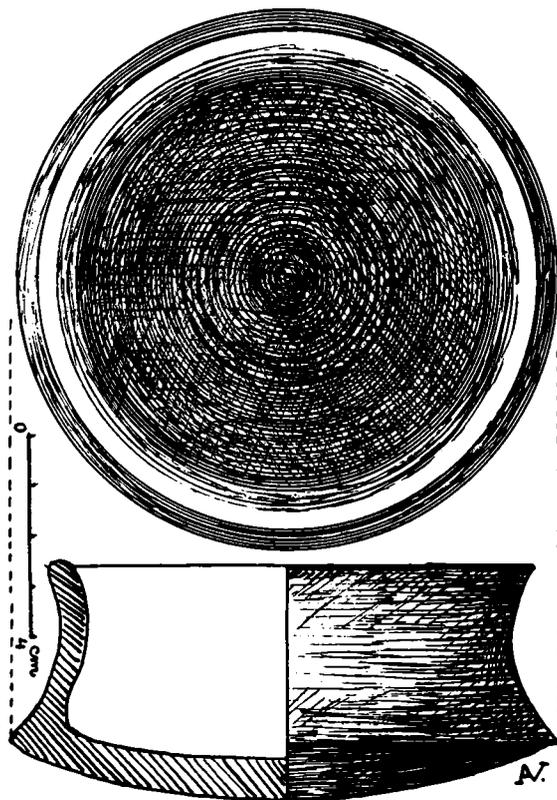


FIG. 6 — Vaso cerâmico do monumento n.º 7.

Outro problema se nos impõe à consideração: as cistas situadas fora dos conjuntos com alinhamentos circulares e superfícies calçadas serão da mesma época que estes últimos?

Julgamos que sim.

Estamos convictos de que novas investigações provarão que, em volta das cistas que aparentemente se nos mostram isoladas, existem restos mais ou menos patentes de sua ligação architectónica.

Será tudo, portanto, da mesma época, ou seja, da mesma fase cultural.

Tudo isto é feito de pedras colhidas, ou antes, escolhidas, pelos construtores destes monumentos funerários, entre as que se lhes depararam no fundo dos barrancos, conjugando umas com outras, segundo seus recortes naturais, por vezes muito invulgares e apropositados.



FIG. 7 — Arma de bronze da cista n.º 5.

A rudeza da construção casa-se com a da cerâmica, a qual, embora de pasta bastante fina, é mal cozida, talvez mesmo, em grande parte, somente seca ao calor da fogueira ou por exposição ao sol.

Algumas vasilhas, todavia, têm a superfície brunida, como as do tipo argárico descobertas em Santa Vitória e outros pontos do Baixo Alentejo.

Julgamos reconhecer nos dispositivos circulares, alguns dos quais teriam sido cobertos por falsas cúpulas e pequenas mamoadas, uma tradição dos monumentos da cultura almeriense.

O emprego de pequenas pedras e a presença da *trave* separadora das duas grandes câmaras circulares do monumento n.º 2 lembram certos monumentos daquela cultura, principalmente alguns de Los Millares e de Almizaraque.

As cistas, embora pequenas, diferem das de tipo argárico, abundantíssimas pelo Baixo Alentejo e Algarve — Moura, Santa Vitória, Alfarrobeira, Quintos, Mértola, Chão das Donas, Algôs, Caldas de Monchique, etc..

Num trabalho de José Leite de Vasconcelos, atrás citado, vê-se o desenho de um grupo de cinco pequenas cistas metido dentro de um círculo de lajedo, ou calçada de pequenas pedras, do qual se conservava uma parte. Isto foi observado em Panoias, neste mesmo concelho de Ourique (15). As cistas eram mais perfeitas que as da Atalaia, pois eram formadas por lajes, ou lousas, com o mesmo número e a mesma disposição que nas de tipo argárico. Infeliz-

(15) Vid. Nota 5. Observar os desenhos 3 e 4 de págs. 302 e 303 desse vol. XIII de *O Arch. Port.*.



Est. I — 1. Grande vasilha da Cova n.º 4 do Monumento n.º 2. 2. Fragmento cerâmico, de pequena vasilha decorada com pontos incisos, da Cova n.º 10, do Monumento n.º 2. 3 e 4 —As duas faces do punhal de cobre, ou ponta de pequena lança, da cista n.º 4



Est. II — 5. Outro aspecto do vaso cerâmico da Cova n.º 4, do Monumento n.º 2.
6 e 7 — Aspecto da Cova n.º 1 (no centro do Monumento n.º 2), no fim da limpeza superficial do terreno (n.º 7, Fot. de Bairrão Oleiro) e na segunda fase da mesma operação, antes do levantamento da laje que cobria a mesma cova (n.º 6, Fot. de A. Viana).

mente, nada mais forneceram que uns quantos fragmentos de cerâmica grosseira, um deles ornado com traços paralelos que perpendicularmente se cruzam.

Apesar desta diferença, temos a impressão de que esta pequena necrópole de Panoias, embora posterior aos monumentos da Atalaia, tem particular parentesco com estes.

O aspecto que os monumentos n.ºs 2 e 8 nos apresentam através dos desenhos reproduzidos nas Figs. 1 e 3, pode sugerir uma flagrante semelhança com certos monumentos de Inglaterra, da Cerdanha e de Maiorca, Creta, Malta, etc., mas estamos certos de que tal semelhança é apenas aparente, e que a mesma desaparece logo que, em vez de se compararem os desenhos, sobretudo as plantas, se observarem os próprios monumentos, directamente.

O n.º 7 da Atalaia representa, quanto a nós, uma sobrevivência do túmulo almeriense com câmara circular formada por parede de alvenaria miúda, com uma grande laje a tapar definitivamente a câmara mortuária. Os alinhamentos circulares de pequenas pedras, que dão ideia de alicerces de outras tantas câmaras circulares, estão, do mesmo modo, na sequência da mesma tradição cultural.

Por outro lado, as pequenas cistas e covas com cerâmica carenada e ornada de pontilhado parecem antecipar a adopção da cista de tipo argárico.

Partindo de tais suposições, chegamos à conclusão de que esta necrópole se poderá situar entre a época dos monumentos alcalarenses, de outros da mesma região de Ourique e de outros pontos do Baixo Alentejo, nomeadamente o n.º 1 do Monte Velho (Aldeia dos Palheiros), o de Malha Ferro (Panoias) e o do Barranco da Nora Velha (16), e as mais antigas cistas de tipo argárico, como os da Alçaria, Vagarosa e outros sítios das Caldas de Monchique (17), os da Alfarrobeira (con-

(16) Estão entregues para publicação os artigos respeitantes a estes monumentos.

(17) JOSÉ FORMOSINHO, OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA e ABEL VIANA, «Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIV, Porto, 1953. ABEL VIANA, OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA e JOSÉ FORMOSINHO, «Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique — Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949», in *Trabalhos de Antrop. e Etn.*, XV, Porto, 1955.

celho de Beja), os de Mértola, etc., isto é, da época de transição entre o Eneolítico e o Bronze argárico (última fase do Bronze Mediterrânico e primeira do Bronze Atlântico): 1200-1900 a. C, segundo o esquema cronológico de Bosch Gimpera; cerca de 1100, segundo Santa-Olalla; 1500, segundo Martín Almagro; imediatamente antes de, 1200, segundo Pericot.

ABEL VIANA